



QUANDO UMA OBRA É POSTA À PROVA: *QUARTO DE DESPEJO* E O SER OU NÃO LITERATURA

Maria Aparecida Nunes Gomes
Universidade Regional do Cariri – URCA campus Missão Velha
cida.nunes702@gmail.com

Cássia da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
cassia_silv@hotmail.com

Leandro Lopes Soares
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
leandrolopes83@yahoo.com

RESUMO: O livro *Quarto de despejo* (2014) é o diário de Carolina, uma catadora de papéis, semi-analfabeta, negra, pobre e favelada. Ela representa a voz dos excluídos, marginalizados por questões sociais e étnicas. É um diário autobiográfico, um documento sobre a vida de uma favela em que Carolina Maria de Jesus procura denunciar as condições miseráveis em que vivem as pessoas residentes neste lugar. Nesse sentido, o diário registra fatos importantes da vida social e política do Brasil com uma linguagem forte e poética. Mesmo com todos esses elementos, há quem duvide que essa obra seja ou não literatura, chegando alguns a afirmarem com veemência que não. Afinal *Quarto de despejo* é ou não literatura? Pretende-se mostrar, através deste trabalho, a importância dessa obra dentro da literatura afro-brasileira, elencando, baseado nas categorias caracterizadoras das obras literárias afro-brasileiras, elementos que confirmem sua literariedade. Inicialmente será feita uma breve explanação da obra de Carolina Maria de Jesus, seguida de alguns pressupostos acerca do fenômeno literário. Além disso, uma análise da obra supracitada enfatizando as categorias que confirmam a literariedade presente no diário de Carolina Maria de Jesus. Por fim, serão apresentadas as considerações finais. As constatações apontam para que se confronte os argumentos daqueles que negam a *Quarto de despejo* o caráter de obra literária, afirmando que sim, esta obra é literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-brasileira, *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a Literatura é uma arte que está sempre presente no cotidiano das pessoas e, por esse motivo, torna-se necessária. É nela que muitos buscam inspiração e até mesmo uma forma de expressão, para demonstrar ou manifestar seus sentimentos. Nela é retratada uma realidade, por vezes bastante similar à humana, confirmando, assim, seu caráter social. Através dela é desencadeada uma diversidade de sentimentos propiciando, com isso, um

entendimento das ações do homem bem como do lugar onde os sujeitos estão inseridos.

Muitos são os teóricos que buscaram formular um conceito que definisse o que é a literatura. Entre eles destaca-se o brasileiro Afrânio Coutinho. Segundo o crítico, a literatura é uma representação da vida. Sendo esta ficção, mesmo assim é espelhada em acontecimentos da vida real, ou seja, a literatura carece da realidade humana para, através dela, criar uma realidade fictícia. Esta arte é uma representação da vida e por meio dela, é presenciada situações reais vivenciadas por seres fictícios (personagens) que proporcionam reflexão sobre a própria condição humana e sobre as atitudes diante de determinadas situações (COUTINHO, 1978, p. 56).

É nesse contexto de conceituação da Literatura, que propõe-se aqui, como principal objetivo desse trabalho, analisar a literariedade da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus; especificamente pretende-se mostrar os aspectos literários que esta obra apresenta e enfatizar seu caráter representativo quanto à vivência social da personagem, caráter esse ligado excepcionalmente à Literatura Afro-brasileira.

Diante disso, um fato que serviu como principal motivação para o desenvolvimento desta pesquisa merece destaque: trata-se do ocorrido no dia 17 de abril de 2017, na Academia Carioca de Letras. Durante uma homenagem à Carolina Maria de Jesus, ex-catadora de lixo, que na década de 1960 ficou conhecida mundialmente ao lançar o livro *Quarto de despejo* (obra essa que traz à tona, uma sociedade desumanizada, onde as mulheres sofrem com a violência e o assédio da sociedade), o professor de literatura Ivan Cavalcanti Proença, afirmou em seu pronunciamento que a obra de Carolina não pode ser considerada literatura.

Em sua afirmação, Proença relata que *Quarto de despejo*, tinha mais características de um diário e, por este não ser ficcional, não carrega o “tom” da literatura. “É o relato natural e espontâneo de uma pessoa que não tinha condições de existir por completo”, afirmou. E completou: “Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”¹ (PROENÇA, 2017). Ele exigia da mesma que, para ser literatura, teria que ter um formalismo acadêmico. Vários autores que ali estavam presentes deram suas opiniões acerca do comentário preconceituoso do professor Proença.

Em linhas gerais, a obra *Quarto de despejo* é uma narrativa que trata das experiências vividas por uma personagem residente na favela. Experiências que retratam uma realidade encontrada ainda hoje na sociedade contemporânea; fala da política, dos interesses políticos, corrupção, fazendo crítica ao governo. Essa obra surge como metáfora para a desigualdade, e

¹Disponível em <https://goo.gl/iv5K8u>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

munida dessa arma, se eternizou através do seu texto, apresentando passagens líricas, de crítica social e consciência política, mostrando sua existência diante da sociedade e no mundo da literatura.

Decorrida essa exposição sobre a escrita da autora, o trabalho segue tratando, no primeiro capítulo, de uma breve introdução ao livro *Quarto do despejo*. No segundo capítulo serão abordados alguns apontamentos sobre o que é o fenômeno literário, bem como da literatura afro-brasileira e das categorias caracterizadoras das obras literárias afro-brasileiras apontadas por Duarte (2014). O terceiro capítulo é referente a análise detalhada da obra de Carolina Maria de Jesus destacando a presença de tais categorias atribuindo, com isso, o caráter literário a esta obra tão importante. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

1 UMA INTRODUÇÃO À *QUARTO DE DESPEJO*

Quarto de despejo é uma obra de muito destaque na literatura brasileira, tanto que sua primeira publicação, em 1960, gerou muita polêmica e de forma surpreendente, chegou a vender 100 mil exemplares no Brasil, num curto período de tempo. Essa obra é uma crônica da vida na favela do Canindé, no início da “modernização” da capital paulista e do surgimento constante das periferias. Foi publicado em diversas línguas e, pelo conteúdo crítico presente em seu cerne, denuncia as mazelas de quem sente na pele os efeitos da desigualdade social. Além disso, apresenta fatos biográficos da vida de Carolina, bem como de pessoas próximas a ela, carregados de literatura.

O livro é de uma leitura fácil e que nos sensibiliza a cada página, pois nele, lemos o cotidiano de uma mulher que sai de casa diariamente, em busca de melhorias para sua família; catando material reciclável, transforma o lixo em comida e garante o sustento dos seus filhos. De início, vê-se no livro suas contações diárias, sua exaustão e mesmo assim, seu esforço em permanecer intacta para o outro dia que haveria de vir. Sua luta era contínua “Mas o custo dos generos (sic) alimenticios (sic) nos impede a realização dos nossos desejos” (JESUS, 2014, p. 11).

Nesse trecho da obra, pode-se observar a expressão da autora, afirmando a precariedade vivida. Neste sentido, destaca-se um ar de tristeza, por não conseguir se quer matar a fome, essa terrível mazela. Como afirma Dantas: “a fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire

cor na narrativa tragicamente poética de Carolina” (DANTAS, 1999, p. 3).

A autora até descreve que “quando não tinha o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário” (JESUS, 2014, p. 195).

Basicamente ela encontrara na literatura a essência de viver. E vendo-se inserida naquela realidade, naquela favela, não subestimava as condições que aquela vida lhe trazia. Tinha a opção de seguir a forma de viver das outras pessoas, mas resolveu ir além, escrevendo o seu diário, transformando a raiva em palavras-reflexos da sua rotina. A literatura mudou totalmente a sua vida. Teve uma infância atribulada, mas foi lendo e escrevendo, que Carolina adquiriu a sensibilidade necessária para a formação de seu caráter.

2 O QUE É LITERATURA?

Responder a esta pergunta não é uma tarefa fácil. Podemos dizer que a **Literatura** é uma arte que permite uma saída do mundo real e a chegada ao mundo da fantasia. Por ela é possível entrar em contato com histórias e ter a chance de compreender melhor o presente, o passado e o futuro. É possível afirmarmos que esta arte possibilita o entendimento da vida ou ainda, como defende Candido (2011), que a literatura está ligada aos direitos do cidadão, concebida também como elemento fundamental de humanização, estabelecendo-se não somente como um direito, mas como uma necessidade de equilíbrio do homem e da sociedade.

Considerando o fenômeno literário e suas consequências, Antônio Candido apresenta a complexidade advinda de sua natureza, distinguindo três faces: “(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.” (CANDIDO, 2011, p. 178-179).

Candido faz alusão à Literatura como sendo tudo aquilo que é poético, dramático, cultural e ficcional nos diferentes níveis da sociedade. Afirma também que a literatura é necessária pela sua função humanizadora, sendo vista como fator psicológico, formador e social. E acrescenta sobre o que é humanização:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2011, p. 182).

Nesse sentido, a humanização torna-se indispensável ao ser humano e assim para fazer valer os princípios da igualdade, da convivência fraterna, da reciprocidade, da solidariedade ativa, para a busca de um mundo mais justo e humanizado. E ainda ressalta que a literatura é,

(...) uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade (CANDIDO, 2011, p.188).

A literatura é por ele defendida como uma necessidade universal, e por ter sido durante anos uma forma de denúncia da opressão social, faz-se um direito humano. O acesso à literatura, uma das mais importantes ferramentas culturais, é um ponto muito positivo para a formação do intelecto do indivíduo, sendo esse capaz de ampliar seu leque de conhecimento e poder transportá-lo a um elevado nível de inteligência. Este estudioso deixa em específico que todo tipo de literatura, todo tipo de cultura, independente de sua origem, é consideravelmente importante para o ato da fruição, não devendo pertencer somente à minoria o direito à literatura, mas abranger variados níveis culturais e sociais.

2.1 A literatura afro-brasileira

Hoje, no campo da literatura brasileira, converge um grupo significativo de escritores negros, que fazem uma literatura que identifica suas raízes históricas e culturais, em suas diversas épocas e gêneros. Estes autores introduzem em suas obras uma outra forma de representação do negro, agora do seu próprio ponto de vista, por vezes refutando a forma como o homem ou a mulher negra são construídos dentro da literatura.

Embora tenha-se registrado avanços nas grandes editoras, no que tange a publicação de obras pertencentes a literatura afro-brasileira, o contexto em ênfase tem mostrado que nem tudo que é escrito, é considerado literatura. Por questões sociais, da cor da pele e até mesmo de gênero, principalmente quando se fala da mulher negra na sociedade, é perceptível as barreiras impostas a essa minoria política. Naturalmente, ainda tem-se uma visão de preconceito quando há a presença do escritor negro,

principalmente quando este trabalha no sentido de desconstruir a imagem estereotipada pela qual o negro é representado pelo branco. Neste sentido, Luiza Lobo atesta que a literatura afro-brasileira poderia ser definida,

como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (LOBO, 2007, p.315).

Nessa perspectiva, entende-se que o fato da literatura afro-brasileira ser escrita por autores que têm orgulho e ciência de sua etnia, diferencia-se dos escritos de autores brancos que tratam do negro em suas produções. Em outras palavras, por mais que o autor branco se esforce para dar voz e representação aos sentimentos e vivência do negro, estes não o fazem como um autor afrodescendente, que traz consigo a experiência na própria pele.

Com este entendimento, alguns números são citados. De acordo com Regina Dalcastagné:

Em todos os principais prêmios literários brasileiros (Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon), entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico (DALCASTAGNÉ, 2005, p. 14).

Diante dos dados citados, percebe-se, clara e nitidamente a configuração do preconceito. Quando o indivíduo pertence a uma minoria, seja a uma classe menos favorecida, uma cor de pele que não seja a branca, ou a um gênero que não seja o masculino, não lhe é dado o espaço. Em casos como o de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, da periferia, catadora de lixo e com pouca escolarização, ter sua obra publicada é uma afronta para a classe dominante, que a vê como alguém desprovida de capacidade intelectual ou com capacidade intelectual inferior, não merecendo, portanto, reconhecimento.

Sabe-se, pois, que desde sempre existiram escritores negros, mas a literatura escrita por eles, não foi valorizada como merecia. O problema é

que os mesmos não eram vistos, ou até então seus trabalhos não repercutiam na mídia. No que se refere a escrita literária afro-brasileira, aos poucos esse quadro vem mudando.

Alguns autores afro-brasileiros podem ser elencados pelo destaque que tiveram: a exemplo, Cruz e Souza e o grande Machado de Assis, maior escritor afro. Outros autores, não menos importantes, não alcançaram o mesmo prestígio, por diversos fatores, entre eles, a falta de oportunidade. Estes, porém, continuaram a produzir suas obras e, independente da raça, fizeram grandes histórias no país. Eles, como a ilustre Carolina Maria de Jesus, vieram de classes sociais baixas e sofreram muitos preconceitos em seu dia a dia.

A literatura afro-brasileira apresenta elementos que a caracteriza e a afirma como uma importante forma de representação da realidade vivida pelo homem de cor. Nesse sentido, é munida de características que dão a esse tipo de literatura, propriedade. Duarte (2014) apresenta cinco categorias caracterizadoras das obras literárias afro-brasileiras, elencadas na tabela a seguir:

1 – Tabela de caracterizadores das obras literárias afro-brasileiras

CARACTERIZADORES	CONCEITO
TEMÁTICA	Contribui para atribuição do caráter literário a uma obra como pertencente à literatura afro-brasileira. Além disso, no resgate da história do povo negro, na denúncia da escravidão, na glorificação de heróis negros, nas tradições culturais ou religiosas, com destaque para os mitos e, na contemporaneidade, na denúncia das mazelas, dos preconceitos e da desigualdade social brasileira.
AUTORIA	É uma instância controversa, pois há autores brancos que escrevem sobre negros, há autores negros que escrevem sobre seus irmãos de cor e há ainda autores afro-descendentes que não estão engajados com a representação da condição negra. É de grande importância para a afirmação de uma literatura afro-brasileira.
PONTO DE VISTA	Indica a visão de mundo do autor, o posicionamento que este dá em relação ao universo da obra. Vai além da ascendência africana ou do tratamento deste tema, abarca a condição do sujeito enquanto pertencente a uma minoria privada de muitos direitos sociais, culturais, humanos, etc. Nesta categoria é dada ao ser oprimido, o direito a voz através de personagens negros, ou seja, de um ponto de vista afro-brasileiro.

LINGUAGEM	É um dos fatores que dá visibilidade a diferença cultural por meio da escrita literária. Através dela é possível perceber o entrecruzamento de culturas pela maneira de falar dos afro-brasileiros, pois, pelos vocábulos utilizados, tornam-se visíveis aspectos variantes dessas línguas. Além disso, a linguagem é, também, uma ferramenta que pode denunciar certos tipos de preconceitos, como raciais, lingüísticos, entre outros.
PÚBLICO	É o alvo ao qual o escritor procura atingir, ao qual procura tocar com sua obra já carregada de todas as categorias anteriores. A formação de um público leitor que tenha acesso a literatura afro-brasileira é marcado por uma identificação com a representatividade de sua realidade. O objetivo do escritor afro-brasileiro é fazer com que sua literatura chegue a um público também afro, apresentando para estes a diversidade dessa produção e novos modelos identitários.

Fonte: Os pesquisadores, 2017, baseado em: **Por um conceito de literatura afro-brasileira**, Eduardo de Assis Duarte, (2014).

Para dar destaque a grande obra de Carolina Maria de Jesus, o estudo feito até aqui, ressignifica no “Diário de uma favelada”, alguns elementos, os quais identificam e distinguem o livro como obra literária. Alguns dos identificadores serão abordados no capítulo a seguir.

3 O FAZER LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Este capítulo trata das categorias caracterizadoras das obras afro-brasileiras que dão a um escrito um caráter literário. É dividido em quatro subtópicos intitulados “Temática e ponto de vista”, “A autoria”, “A linguagem” e “O público”, respectivamente. Todos eles serão abordados no intuito de identificá-los na obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Para isso, serão utilizados trechos dessa obra para comprovarem essa afirmação.

3.1 A temática e o ponto de vista

A temática gira em torno da caracterização de um texto em uma literatura afro-brasileira. Para Octavio Ianni, “trata-se de abordar não só o sujeito afro descendente, no plano do indivíduo, mas como universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura” (1988, p. 209). É um elemento importante no texto literário, pois condiz aos assuntos que desencadearão os conflitos da narrativa.

Ressalta-se ainda que o tema, pertinente à literatura afro-brasileira, traz tradições de culturas e religiões negras para um novo mundo; trata-se de uma retomada, um resgate dessa cultura para a atualidade. Duarte (2014, p. 268) afirma

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

que trazer à tona a miséria em que vivem muitas pessoas no Brasil, constitui-se como uma vertente temática contemporânea das obras afro-brasileiras. No texto de Carolina Maria de Jesus isso pode ser percebido pelos relatos ligados às dificuldades que ela e seus filhos passavam diariamente.

Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio (sic) ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A única (sic) coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres (JESUS, 2014, p. 42).

A obra traz à tona, a realidade vivida nas favelas da cidade de São Paulo, que por sua vez, são descritas com detalhes, as dificuldades, uma outra vida, contada assim com outra perspectiva. Perspectiva esta que traz a fome como temática central: “a tortura da fome é pior do que a do álcool. A tortura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (JESUS, 2014, p. 44).

Em suma, é potente em metáfora e em poesia e cheia de subversões poéticas da escritora. É narrada do ponto de vista de alguém que vive na favela, ou seja, que presencia a dureza e a dificuldade de se viver a margem da sociedade. Através da Carolina de *Quarto de despejo*, ouve-se o clamor de milhões de outras pessoas, excluídas do mundo. Ela descreve na obra, a sua cultura, as mazelas encontradas nesse novo mundo, destacando a pobreza em que se encontra, tendo uma vertente clara, pois sua história está diretamente ligada à modernidade brasileira, com os dramas que se vive, das condições passadas e atuais de afro descendentes no Brasil.

“... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 2014, p. 37).

Nesse sentido, os relatos contidos em *Quarto de despejo* funcionam como uma espécie de denúncia, a reivindicação daqueles que têm tão pouco e que são, a todo custo, forçados a se calarem diante dos absurdos concernentes as desigualdades sociais. Poucos têm muito e muitos não têm quase nada e quando esse “nada” começa a adentrar espaços de dominância da elite, são forçados a se calarem.

3.2 A autoria

O termo autoria dá possíveis possibilidades de mostrar, em uma obra, características literárias. No diário de Carolina, a autoria é marcante, pois o que se vê é uma história contada por alguém que realmente a viveu.

Sendo Carolina Maria de Jesus (1914-1977) uma escritora brasileira, considerada um dos primeiros e maiores expoentes da literatura afro do país e que, além disso, foi empregada doméstica, a questão da autoria em sua obra não tem controvérsia: uma mulher negra escreve um diário em que é narrado o cotidiano de uma mulher negra.

Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitot que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (JESUS, 2014, p. 37).

Pelo trecho citado fica nítida a marca de autoria de Carolina, pois, a todo o tempo ela coloca-se também entre os personagens de sua história. Com isso, tem-se traçado o esquema: uma mulher negra escreve sobre o seu cotidiano e das pessoas que vivenciam essa mesma realidade retratando, assim, as precárias condições de vida daqueles que vivem na favela. Além da obra em análise Carolina escreveu diversas outras: peças de teatro, romance e antologia poética. Entre suas produções destacam-se ainda *Casa de alvenaria*, *o diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços de fome* (1963), *Provérbios* (1963), *Diário de Bitita – Póstumo* (1982), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia pessoal* (1996), *Onde Estaes Felicidade* (2014).

Pela leitura do livro *Quarto de despejo*, pode-se perceber que, em alguns momentos, Carolina Maria de Jesus sentia-se orgulhosa em ser negra: “adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico. [...] Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (sic) (JESUS, 2014, p. 58). O que lhe deixava aborrecida era a maneira como o branco se tratava apenas por ter uma pele clara, branca. Com isso fica claro quem é a autora Carolina Maria de Jesus.

3.3 A linguagem

Carolina Maria de Jesus cursou apenas as séries iniciais em seus estudos e isso pode ser percebido pela linguagem utilizada na escrita de

Quarto de despejo. Ele não é escrito com aquela ortografia propositalmente, e sim porque é a maneira de falar da própria Carolina. Para tanto, sua escrita não é relevante apenas pelo fato de contrariar a gramática. Além de seus deslizos gramaticais, há uma realidade testemunhada da favela, de língua literária que se constitui para sua escritura, tem-se na sua escrita uma literatura marginal.

Diante disso, pode-se entender que a autora não teve muitas oportunidades de leitura e isto deve ter contribuído para a desvalorização de sua obra. Por causa da linguagem utilizada, sofreu muitos preconceitos e principalmente o linguístico. Sobre o preconceito linguístico, o renomado pesquisador desse tema afirma:

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais, que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá sua gravidade como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo (BAGNO, 2009, p. 23-24).

A discriminação é encarada de forma natural na sociedade brasileira. Os deslizos de português feitos por analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos são constantemente criticados pela sociedade. Mesmo ela não tendo domínio das normas da língua padrão, sua escrita mostra uma visão de mundo crítica, onde pretende mostrar a realidade escassa. Trechos como “mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos” (JESUS, 2014, p. 11) e “É início do mês. É o ano que deslisa. E a gente vendo os amigos morrer e outros nascer. [...] É três e meia da manhã. Não posso dormir” (JESUS, 2014, p. 48), exemplificam o que vem sendo dito. Além destes,

[...] vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobre (JESUS, 2014, p. 55).

É visível que a realidade era dura e ela não fugia disso. Sua escrita continua inovadora e atual justamente por causa disso: é o relato fiel, sincero e cruel de uma realidade excludente e desigual.

3.4 O público

Carolina Maria de Jesus foi representada como uma mulher de superação por parte da crítica literária. Foi referência para a sociedade, porque a realidade dela era também de outras mulheres, mostrando assim um modelo a ser seguido, uma vez que muitas das mulheres pobres e de periferias passaram a acessar a literatura de Carolina. Ela, enquanto mulher negra e pobre, escrevia para pessoas que comungavam dessa mesma situação, principalmente outras mulheres, que viam em sua literatura, personagens com quem se identificavam.

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] E preciso criar esse ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2014, p. 58).

Através de uma linguagem poética é possível perceber o sentimento de quem vive na favela; uma vivência difícil e com obstáculos diários. Do mesmo modo é perceptível a força e a garra de quem tem de enfrentar todas essas dificuldades sem baixar a cabeça. Através dessa literatura, o público que não compartilha dessa realidade, consegue pôr-se no lugar de quem a vive, e quem enfrenta isso diariamente, vê-se representado em forma de literatura.

Ao tempo que a obra de Carolina conquistava um determinado público atraído pelo encanto de sua escrita, também incomodava um outro público que a desprezava quase por completa. No entanto, corajosa, não temia o desagrado da elite, chegando a afirmar sua despreocupação: “eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade” (JESUS, 1961, p. 30).

Com isso, procuraram colocar Carolina no seu “lugar”; ela foi revolucionária, mostrou-se para mundo, foi amada e glorificada, pelo menos durante um período de sua vida. Vencida pela força e pela violência dos ataques, das calúnias, da inveja e da mentira, “Carolina foi taxada de comunista, alienada, louca, encrenqueira...”². Por ser contradição com o que dizia respeito à elite, Carolina foi escolhida como exemplo a não ser seguido pela elite letrada, tampouco a do poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²Trecho da entrevista com o jornalista Tom Farias à Revista Bravo! – Medium. Disponível em <https://medium.com>revista-bravo>. (83) 3322.3222

Procurou-se aqui, fazer uma análise da obra supracitada destacando os elementos referentes às categorias caracterizadoras das obras literárias afro-brasileiras, no intuito de refutar, critica e teoricamente, os argumentos de quem, erroneamente, afirma que este escrito não pode ser considerado literatura. Que fique claro, por todo o percurso analítico realizado até aqui que *Quarto dodespejo: diário de uma favelada* é literatura sim, pois apresenta todos os elementos que dão a este tipo de texto, o título de literário.

Portanto, percebe-se que a obra de Carolina Maria de Jesus, por seus traços e diante dos identificadores descritos no decorrer deste artigo, é literatura marginal, quanto ao seu conteúdo, seus textos poéticos e seu lugar de origem. Por estes motivos não restam dúvidas de que sua obra levanta tópicos literários.

Por fim, ressalta-se que os objetivos elencados no início deste artigo foram alcançados. Além disso, o desejo de que o presente estudo contribua para futuras pesquisas relacionadas à literatura afro-brasileira, como também da africana, para que se faça emergir a riqueza literária dos autores negros, pois muitos ainda continuam no anonimato.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 52ª ed. São Paulo: Parábola, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos: O Direito à Literatura.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1978.

DALGASTAGNE, Regina (Ed). **Um território Contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, Jul-Dez. 2005, pág. 13-71.

DANTAS, Audálio. **A atualidade de mundo de Carolina.** In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada.* 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. Prefácio.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira.** RossegnaIberistica, Belo Horizonte, Dezembro, 2014, p 259-279.

IANNI, Octavio **Literatura e consciência.** Em: Estudos Afro-asiáticos, 15, Junho, pp. 208-217. 1988.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

_____. **Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada.** 1ª Ed, São Paulo: Francisco Alves, 1961.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo.** 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.